

Galera Que Lê: Dialogia e Formação de Leitores num Projeto Social

Samir Mustapha Ghaziri
Dagoberto Buim Arena

Como citar: GHAZIRI, S. M.; ARENA, D. B. Galera Que Lê: Dialogia e Formação de Leitores num Projeto Social. *In:* XAVIER, A. L. P.; GHAZIRI, S. M.; NÓBREGA, R. M. N.; BRAZ, A. F. L. (Org.). **Retratos da Infância e Juventude: Práticas Sociais e abordagens teóricas no município de Assis/SP.** Marília: Fundepe, 2011. p. 253-259. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-98176-35-2.p253-259>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 32

Galera Que Lê: Dialogia e Formação de Leitores num Projeto Social

Samir Mustapha Ghaziri

Dagoberto Buim Arena

Considerações iniciais

O presente texto apresenta um trabalho de formação leitora e incentivo à leitura, realizado numa instituição de atendimento e encaminhamento de adolescentes ao mercado de trabalho, situada na cidade de Assis-SP. Em linhas gerais, o trabalho consistiu na organização de uma sala e na realização de atividades relacionadas ao universo da leitura, dos livros e dos leitores.

O local em que as atividades foram desenvolvidas foi a Fundação Futuro - Projeto Legião Mirim, entidade filantrópica, cujo objetivo principal é o de dirigir jovens para o seu primeiro emprego. Os adolescentes são provenientes, em sua maior parte, de famílias de baixa renda, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 18 anos, que, geralmente, se encontram privados do acesso a cursos educativos, socializadores e pré-profissionalizantes. Para frequentar a instituição é preciso estar matriculado na escola.

Nas ações relacionadas à sala de leitura, foi desenvolvida uma linha de trabalho em que os jovens participaram ativamente desde a organização do espaço até a escolha dos títulos que fariam parte do acervo. Foram realizadas visitas técnicas às bibliotecas das instituições de ensino superior do município, bem como a biblioteca pública municipal e livrarias. Os adolescentes aprenderam como se organiza um espaço destinado a atividades de leitura e todo seu processo de manutenção. Ademais, foi-lhes ensinado procedimentos de restauro de livros e matérias impressos, em razão de uma parte do acervo, oriunda de doações, encontrar-se em mau estado de conservação.

A sala reúne um total de oitocentos livros, em que se tentou contemplar os interesses diversos de leitura e de informação dos participantes. Nas prateleiras, títulos como

os *Best-sellers* Crepúsculo e Harry Potter dividem espaço com clássicos da literatura brasileira e internacional. O trabalho parece ter atingido seu objetivo no momento em que os participantes que se diziam não-leitores ou leitores apenas dos títulos da moda passaram a se interessar e a ler os ditos clássicos da literatura, muitos dos quais já sugeridos pela escola, conforme alguns relataram, mas não lidos até então.

Por que sala de leitura e não biblioteca?

Iniciemos a resposta com um novo questionamento: quais as primeiras idéias, impressões, ou características que nos vem à mente quando pensamos numa biblioteca? Resposta simples: livros, leitura e silêncio. A imaginação pode sugerir outros, contudo, esses são elementos clássicos que constituem uma biblioteca. E isto não é de hoje, na realidade, desde a Idade Média, período que a leitura silenciosa ganhou força, a biblioteca converteu-se em império do silêncio e em alguns aspectos da sisudez. A biblioteca tornou-se lugar dos livros e da leitura, mas de uma leitura que devia ser feita com os olhos, tão somente com os olhos. A voz leitora, que anteriormente distribuía o escrito aos que estivessem ao redor, é suprimida. Assim como o velho hábito de pronunciar (ler em voz alta) para compreender o que se lia, passa a ser deixado de lado.

Novos modos de ler são criados pelos leitores que não mais murmuram as palavras e letras que possuem diante dos olhos. Tal comportamento, de raiz histórica, atravessa os séculos, e chega às bibliotecas do período atual. Conforme Arena (2009), a imposição do silêncio torna-se comportamento cultural legado as novas gerações, aceito sem restrições. Porém, considerar a biblioteca como local sagrado, de guarda de livros, torna-se insustentável. O espaço converte-se em local de disseminação de cultura, de distribuição. Assim, o leitor que herda e aceita o traço cultural do passado, de ler apenas com os olhos, ousa/titubeia romper com o silêncio no novo conceito de biblioteca, conectada à Internet, frequentada por um grupo muito maior de pessoas, recinto de sociabilidade e de disseminação de livros.

Portanto, quando aqui se fala em sala de leitura e não em biblioteca, não se quer criar um conceito antagônico ou distinto deste último, visto que poderíamos utilizar outras nomenclaturas, a exemplo de Lugar dos livros, Espaço de Leitura, Cantinho da Leitura, entre tantas outras. Na realidade, o que se quer é encontrar um nome que espelhe as atividades realizadas e as relações construídas na sala de leitura do projeto social as quais acarretaram em resultados altamente satisfatórios.

Para Arena (2009), a utilização de termos correlatos se dá motivada por uma fuga da acepção clássica que biblioteca ganhou ao longo dos tempos, de local sisudo e pouco atraente (principalmente para os jovens), “mantido por muitos *psius* e olhares severos” (ARENA, 2009, p.161).

Por isso, o que se fez ao longo de todo o trabalho, desde a organização do espaço até as atividades de leitura, foi construir relações em torno dos livros, por meio de seus sinais impressos, e dos sentidos a eles atribuídos, pelos discursos dos autores e dos leitores, pela reunião de jovens que desejavam estar juntos para dialogar sobre o que liam e para ler sobre o que dialogavam. Para isso, não foi preciso abandonar a herança passada da leitura silenciosa, mas apenas criar um estatuto para o local, em que não imperava o silêncio, mas o diálogo, a conversa, a fala e a escuta.

A oficina de leitura

O trabalho iniciou-se em 2008. Desde sua concepção até o início das atividades, a trajetória foi relativamente longa. Não longa em termos cronológicos, mas de quantidade de conhecimentos necessários para o efetivo funcionamento do espaço. Desde a concepção da idéia, o objetivo das atividades não se restringia ao simples contato do público com os livros, o intuito era o de deflagrar necessidades de leitura. Daí o entendimento de que seria necessária a participação do grupo já na organização do espaço, quando ainda nem um espaço definitivo possuíamos.

Cabe aqui relatar algumas das atividades realizadas na oficina de leitura, pois com elas poder-se-á visualizar de que modo o trabalho era realizado. Nesse sentido, no primeiro encontro, o grupo deu início a limpeza, triagem e organização, por título, de alguns livros; os quais já existiam na instituição, por ocasião de um acervo anterior. Outro fato merecedor de destaque é o de que ao final de todas as atividades, o projeto oferecia um lanche para os participantes. Momento importante, pois, nele, discutiam-se impressões acerca do trabalho realizado e expectativas em relação aos próximos. Este era, inclusive, o momento em que os adolescentes sugeriam novas atividades.

A organização do espaço e dos livros foi de grande importância para que o grupo pudesse compreender a complexidade de criar, organizar e manter uma sala de leitura. Muitos participantes não tinham contato com livros, porém haviam afirmado gostar de ler. Fato aparentemente contraditório, mas que parece querer transmitir algo a respeito da leitura na escola e na biblioteca escolar. Além disso, alguns disseram ler com frequência na tela do computador, na Internet. Disseram ler desde letras de músicas, revistas e quadrinhos até textos para pesquisas escolares. Tais relatos auxiliavam na compreensão do quadro de expectativas de temas de leitura dos sujeitos, imprescindível para a composição do acervo.

Percebeu-se que durante esse processo inicial, ocorreu uma grande aproximação de livros, de autores e de histórias que lá estavam, pois, em determinado momento, sozinhos ou em grupo, independente de solicitação, os jovens começaram a levar livros para casa.

Importantes visitas externas foram realizadas. A primeira foi à Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), para participação numa oficina de compreensão textual. A visita foi significativa não só do ponto de vista do conteúdo aprendido, mas, também, porque era a primeira vez que muitos dos sujeitos entravam numa universidade. Não muito tempo depois, voltamos à instituição para participar de uma feira de profissões. O laboratório de jornalismo foi o local em que os adolescentes permaneceram por mais tempo; tiveram contato com diversas técnicas do curso, e alguns saíram de lá bastante estimulados por tudo o que viram e conheceram.

As semanas que seguiram foram de visitas às livrarias da cidade. Na primeira delas, os adolescentes permaneceram durante 03 horas; com uma lista nas mãos anotavam os títulos que desejavam comprar para compor o acervo da sala.

Além da escolha e compra de títulos, os sujeitos participaram de uma capacitação para preservação e restauro de livros e documentos no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da UNESP, campus de Assis. Nesta atividade, os jovens ganharam como material de apoio uma apostila que continha explicações de cuidados com livros, conteúdos sobre a história do papel, fatores de deteriorização, procedimentos de manuseio, tintas, higienização e tipos de reparos.

É importante dizer que após todas as atividades era estabelecida uma conversa acerca da importância do que havia sido realizado. Outra atividade significativa foi a visita que os jovens receberam da professora Ana Maria Bloj, da Universidade Nacional de Rosário, Argentina. Foi um momento de reflexão compartilhada sobre o trabalho que havíamos realizado e de troca de ideias, uma vez que ela realiza trabalho semelhante, com crianças e adolescentes carentes e em situação de rua, em seu país. Bloj deu sugestões de atividades, registrou os questionamentos dos jovens, bem como levou consigo indicações de leitura dos adolescentes, tanto para os de lá quanto para ela mesma.

Ademais, os grupos comprometeram-se em trocar material produzido por seus frequentadores. Trocaram livros produzidos pelos adolescentes daqui e pelos de lá. Uma iniciativa que visa demonstrar a possibilidade de produção desse bem cultural de tamanho valor, por jovens que compreendem a relevância social da leitura e seu poder de transformação.

Fundamentação teórica

Desde o início da realização do trabalho estava claro que um consistente referencial teórico deveria ser buscado. Pensou-se nas atividades que já haviam sido planejadas, no público que frequentaria o espaço e na finalidade das ações. Uma reflexão sobre o horizonte de trabalho, sobre os caminhos que seriam percorridos e, indo além,

sobre o ponto em que se gostaria de chegar foi realizada. Procurou-se saber quem seriam os leitores, quais seriam suas expectativas acerca do espaço, das atividades e das concepções sobre o ato de ler.

Para tanto, estabeleceu-se contato com os sujeitos e as portas da sala, ainda vazia, foram abertas. O lugar chamava a atenção dos que por ali passavam, não raramente perguntavam o que seria feito no espaço, momento que se tornou oportuno para convidar o jovem a participar da empreitada. Numa perspectiva de isonomia entre mediadores e adolescentes, o trabalho que se queria constituir era de parceria, de co-autoria.

Foram realizadas leituras em Cavallo & Chartier (2002), referência importante para todo o trabalho, o qual nos auxiliou no processo de reconhecimento da leitura como ato histórico, que se modifica com o passar do tempo, com a evolução dos suportes e com a mudança dos modos de pensar dos homens. Além disso, reconheceu-se que a significação depende também das “circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores” (CHARTIER, 2002, p.6), bem como que toda leitura é sempre encarnada em um cenário particular, o qual envolve gestos, hábitos e a disposição dos espaços.

Portanto, havia uma série de contrastes que deveriam ser levados em conta, afinal a sala localiza-se fora do ambiente escolar, e uma boa parte dos adolescentes participantes possuía acerca do ato de ler, dos materiais de leitura e do próprio espaço concepções normativas, canônicas, que entravam em choque com a perspectiva aberta e de co-autoria do projeto. Algo que com o desenrolar das atividades deixava claro que os interesses diversos, as expectativas e o universo vivencial dos jovens não eram levados em conta no encaminhamento da leitura no âmbito escolar.

Para compreender tal fato e de alguma forma tentar contorná-lo, o amparo foi encontrado em Arena (2003) e Foucambert (1997), uma vez que para estes autores a leitura não é uma questão de interpretação semântica do texto, mas, sim, uma questão de atribuição de sentido. Isto significa que o encaminhamento da leitura na escola ou fora dela deve levar em conta o acervo cultural e o horizonte de interesses do leitor. Portanto, a leitura como é tratada na escola, não em todas elas é claro, como prática delimitada, padronizada, marcada pela pálida ditadura da leitura do livro de literatura para fazer prova sobre seu conteúdo está totalmente obsoleta. Destituída de sua função e contexto sócio-histórico-cultural, a leitura é vista, pelos jovens, à distância, como algo enfadonho e sem sentido.

Dessa maneira, nas atividades até o momento realizadas, tentou-se um encaminhamento em que as expectativas dos leitores fossem colocadas em evidência. A intenção era sempre a de criar novas necessidades de leitura e de proporcionar um modo de ler guiado pela compreensão.

Considerações finais

O propósito do trabalho consistiu, portanto, em localizar os interesses diversos dos participantes para a montagem de um espaço e de um acervo de leitura que lhes fosse pleno de sentido. O desenrolar das atividades fez com que os sujeitos passassem a se reconhecer como comunidade leitora, apropriando-se do espaço. As conversas, as interações, a troca de ideias, de leituras e experiências deflagravam necessidades de avanço, de novas leituras. O espaço se tornou um patrimônio dos sujeitos.

O ato de ler tornou-se uma questão de se relacionar com pessoas e com textos. O livro converteu-se num instrumento de socialização, de aproximação entre os sujeitos e, ainda mais, de transformação social. Para os sujeitos, uma boa leitura era aquela que gerava uma boa conversa. Para cada um deles era de fundamental importância conhecer o que o outro pensava sobre o texto, denotando a importância do princípio dialógico para compreensão e formação leitora.

A partir das atividades, se notou apropriação e relevante interesse dos participantes pela leitura, e não só pela leitura de títulos livremente escolhidos, que em sua maioria não circulam pelo ambiente escolar, mas, também, dos escolares, dos ditos clássicos da literatura, antes vistos de forma distante e irrelevante. Algo que revela a importância dos laços afetivos constituídos na vivência do espaço como desencadeadores de necessidade de leitura. Do modo como foi encaminhado, o ato de ler propicia ao adolescente descobrir-se co-autor das atividades e do próprio espaço de leitura, fornecendo-lhe além de novos conhecimentos, estima e incentivo a novos arranjos sociais.

A leitura de títulos como os das sagas *Harry Potter* e *Crepúsculo*, evidencia, na realidade, uma nova via de acesso, de aquisição, de interesse pela leitura e pelos bens culturais. Daí o entendimento de que é preciso repensar o ensino e o encaminhamento da leitura na escola. Os ditos clássicos, sem dúvida, são fundamentais para a formação cultural de qualquer indivíduo, mas novas estratégias devem ser criadas levando-se em conta que se está diante de uma geração que cresceu em contato com a Mídia Digital e na Era Pós-Google.

Referências

- ARENA, D. B. *A leitura no início da escolaridade: ouvir ou ver*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1996.
- ARENA, D. B. *Nem hábito, nem gosto, nem prazer*. In: MORTATTI, M. do R. L. (Org.). *Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental*. Araraquara: JM Editora, 2003. p. 53-61.

- ARENA, D. B. *Leitura no espaço da biblioteca escolar*. In: SOUZA, R. J. (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009. p. 57-85.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira M. Machado (francês) e José Antonio de M. Soares (inglês). São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAMBERT, J. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Tradução Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

